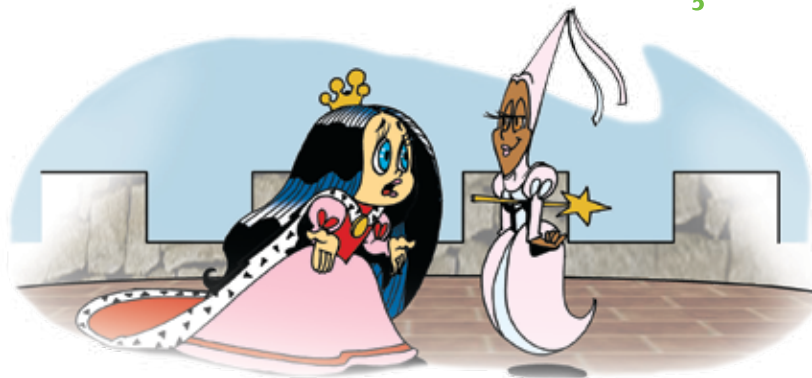


Discussão 8

Papel da comunidade na educação infantil



No Capítulo 8 da História do Pequeno Reino

No oitavo capítulo, a Rainha continua descobrindo como os contatos com pessoas reais atraem os pequenos Súditos, trazendo uma real motivação, dando origem a reais atividades de faz de conta, de desenho, de escrita, de cálculo, fazendo nascer um real desejo de brincar e de aprender...



Na discussão anterior, falamos sobre o valor das saídas para passear com as crianças. Agora vamos conversar sobre as visitas de pessoas da comunidade que podemos receber em nossos centros de educação.



Ideias e Sugestões

Podemos trazer muitas pessoas para dentro de nosso centro de educação. Que tipo de pessoas podemos convidar para vir nos visitar? Você já deve saber a nossa sugestão: todos os tipos de pessoas. Todo adulto tem alguma coisa para ensinar para as crianças.



Recebendo visitas

Vamos começar discutindo o papel que podem ter as famílias das crianças:

Recebendo as famílias das crianças

Quando se convidam os pais para virem nos visitar, muitas coisas interessantes podem acontecer. Por exemplo:

- O pai de uma criança pode ser eletricista e, em sua visita, pode desmontar tomadas, falar sobre o perigo dos choques, responder às perguntas das crianças...

Será que uma experiência dessas não está desenvolvendo os conhecimentos das crianças? Não é essa uma boa maneira de aprender muitas coisas que a escola classifica como Ciências? Será que não podemos explorar os encontros com pais que são encanadores, dentistas, médicos, enfermeiros, mecânicos, etc.?



Antes de receber uma visita, é importante discuti-la com as crianças. Além delas poderem participar fazendo convites, dando ideias, é importante combinar algumas regras do tipo:

- "Só um fala de cada vez".

Também podemos, se possível, ver se as crianças já têm algumas perguntas para fazer. Por exemplo:

- Se recebermos a visita de uma pessoa que exerce a medicina, algumas crianças já podem querer saber coisas, como "Por que é que a gente fica doente?"
- Se o pai que vier nos visitar for um encanador, alguém pode querer saber "Por que sai água quando a gente abre a torneira?"

Cada visita, é claro, irá se passar de maneira diferente, em função de quem vem conversar com as crianças,



do que essa pessoa tem para mostrar e contar, de sua facilidade para envolver as crianças, etc. É importante tentar criar um clima descontraído, em que ocorre um verdadeiro diálogo entre a visita e as crianças.



Se, como já sugerimos no caso dos passeios, depois de cada visita dessas as crianças produzirem **relatórios** resumindo coisas interessantes, podemos ir formando um **arquivo**, para ser sempre consultado.

Cópias desses relatórios, com textos e desenhos das crianças, podem ser enviadas para as pessoas que vieram nos visitar, junto com um bilhete de agradecimento, novas perguntas, etc.

Com crianças de menos de cinco anos, é difícil produzir relatórios, mas elas podem fazer várias outras coisas que as crianças mais velhas também fazem: imitar e dramatizar, desenhar, pedir (ou tentar escrever) novas palavras, etc.



As mães também podem ter uma participação muito interessante, quando conseguimos que elas venham nos visitar. Temos visto mães que ensinam costura, que fazem comidas, que contam histórias, ensinam brincadeiras e muito mais. Além disso, muitas mães também trabalham e podem contar e fazer coisas interessantes com as crianças. Existem mães que são médicas, dentistas, cabeleireiras, etc.



Pessoas mais velhas, como os avós de algumas crianças, podem contar histórias interessantíssimas sobre as regiões de onde vieram, sobre os costumes e o mundo de antigamente. Conversar com essas pessoas pode ser uma ótima maneira de se começar a gostar de estudar História.



Uma visita pode se tornar muito interessante se o adulto traz alguns materiais para dentro da sala. Se algum pai for médico, pode trazer um estetoscópio e deixar as crianças escutarem seus corações. Se for um encanador, pode desmontar uma torneira com elas e explicar o funcionamento dela. E assim por diante.

Acreditamos que nas escolas, a aprendizagem do que chamamos de Ciências ganharia uma nova motivação, se as crianças pudessem passar por experiências como as relatadas aqui, e alunos e professores poderiam aprender muito.



Muitas **visitas de pais podem dar origem a novos passeios**. Por exemplo, se o pai de alguma criança for um artista, ele poderá vir trabalhar na sala de aula e com as crianças. Depois disso poderia ser feita, com esse pai, uma visita a um museu, ou poderíamos olhar com ele fotografias ou slides de obras de arte.

Para encerrar, as crianças poderiam ter liberdade para criar obras, depois de um passeio a um museu ou de uma sessão olhando fotos de belas obras de arte.

Nos casos de pais que são médicos, dentistas, operários, é muito interessante tentar organizar excursões aos locais de trabalho deles, após a primeira visita desses pais ao centro de educação.



Sempre que se fala em trabalhar com os pais, especialmente em datas como o "Dia dos pais" ou o "Dias das mães", surgem questões como:

- "O que fazer com as crianças que perderam os pais, ou que tem pai e mãe que não participam nunca de atividades na escola, ou se o pai estiver preso, ou desempregado?"

Essa é uma preocupação importante, em um mundo em que as famílias estão cada vez mais desestabilizadas...



Muitas vezes, quando a criança não tem seus pais, a solução é recorrer a outros adultos que cuidam dela. Essas crianças podem escrever e desenhar para eles, nas datas especiais. Essas pessoas podem vir nos visitar.

Talvez algumas crianças que perderam alguém querido queiram mesmo assim homenagear essa pessoa. Você pode deixar que elas se expressem.

No caso de pessoas desempregadas, isso não significa que elas não tenham alguma habilidade (para cantar, contar histórias, trabalhar com madeira ou qualquer outra coisa) que possa ser mostrada para as crianças.

No caso de pais "violentos", do tipo dos que bebem e que batem nas crianças e nas mães, também se torna importante deixar que, se quiser, a criança possa expressar seus sentimentos.



Você pode tentar achar algo de positivo para dizer, mas o mais importante parece ser que a criança perceba compreensão em você...



Nós não podemos, na maioria dos casos, mudar a vida das crianças, mas podemos usar até as coisas que as deixam tristes para motivar atividades de expressão, como desenhos e montagem de histórias, em que elas podem construir novas aprendizagens. Além disso, o simples fato de expressar suas tristezas em um contexto de compreensão pode ajudar a criança.



Às vezes, ao buscarmos o contato com os pais das crianças, nós podemos até ter uma influência positiva sobre esses adultos. Nós vimos um exemplo claro em que o contato com as crianças acabou levando um pai a abandonar o alcoolismo e, com ajuda do pessoal de uma creche, a conseguir um novo emprego.

Em todos os casos, é importante aceitar se algumas crianças se recusarem a participar de atividades, como a preparação de convites para os pais ou a decoração da sala para uma festa em que os pais são convidados.

Para essas crianças, a leitura de uma história, como um bom conto de fadas, pode ser uma boa opção, pois elas podem se distrair sem serem forçadas a participar de nenhuma atividade.

Como sempre, não existem regras sobre como agir e, no final das contas, é sempre o seu bom senso que irá orientar suas atitudes e reações em cada situação particular.



Um programa de visitas de pais e parentes pode tornar mais interessante o trabalho ao longo de todo o ano. Aliás, as visitas podem ser repetidas mais de uma vez, e até de um ano para o outro, pois as crianças terão mudado e serão capazes de entenderem mais coisas e de fazerem perguntas cada vez mais complexas.



Recebendo os funcionários

Outro grupo de pessoas a quem podemos recorrer sempre são os funcionários de nossa instituição. Os funcionários (cozinheiras, faxineiras, etc.) de um centro de educação são pessoas que podem ter uma grande intimidade com as crianças e, portanto, estarão numa ótima posição para ensinar novas coisas para elas.

Como já dissemos, cada adulto pode ter algo de interessante para mostrar e discutir com as crianças. Veja um exemplo:

- Grupos de entre três e cinco crianças podem ser convidados pelas cozinheiras para observar e ajudar na preparação de uma refeição, ou de uma comida especial, como um bolo de aniversário.

Fazer comida junto com o adulto é uma atividade que diverte as crianças, é excelente para desenvolver conhecimentos e até pode ajudar na construção do pensamento matemático, se a criança puder participar várias vezes de atividades de medir (por exemplo: duas xícaras e meia de açúcar). Pode acontecer que algumas crianças queiram aprender como se escrevem os nomes de ingredientes e de comidas, e que gostem da ideia de copiar receitas, etc.

Claro que essa é mais uma atividade que só pode ser feita por crianças (e por adultos) que sejam voluntárias para participar. Mais exemplos:

- É muito normal existirem, entre os funcionários de nossa instituição, pessoas que sabem contar histórias bem, que conhecem nosso folclore, etc. Essas pessoas podem ser de grande interesse para as crianças.
- As pessoas que limpam o centro de educação podem ser ótimas parceiras na hora de fazer um passeio, ajudando a cuidar das crianças e conversando com elas. Além disso, podemos organizar conversas em que elas falam sobre o seu trabalho, mostram os produtos que usam, etc.
- Muitas vezes motoristas que vêm trazer material e outras pessoas aparecem em lugares como as creches. Um motorista pode ser entrevistado pelas crianças e contar sobre a cidade, sobre outros lugares em que vai, etc.
- Pintores, encanadores e eletricitistas também podem aparecer de vez em quando, e se tornar bons amigos das crianças, mostrando seu trabalho, dando explicações, etc.

Os processos de qualificação de uma creche ou de uma escola devem contemplar momentos dedicados a grupos como as cozinheiras e as pessoas responsáveis pela limpeza. Devemos conversar com essas pessoas sobre a grande importância que elas podem ter, quando colaboram na educação das crianças.

Assim, o contato com os funcionários pode ser uma boa fonte de motivação para as crianças e procurar



fazer com que eles se envolvam no trabalho educativo pode ser de grande utilidade.



Para prosseguir, um exemplo interessante:

- **Uma diretora de creche cheia de fantasia:** Uma diretora nos contou que, ao assumir a direção de uma creche, em Três Barras (SC), encontrou um ambiente bastante ruim, pois todos lamentavam a saída da diretora anterior. Ela nos contou que foi dormir extremamente angustiada após seu primeiro dia e que, na manhã seguinte, teve uma idéia. Juntou muitas roupas velhas de família e levou-as, dentro de uma caixa, para a creche. Chamou as crianças de uma turma e, mostrando a caixa, entregou a elas seu estojo de maquiagem e desafiou-as:

- Eu estou começando a trabalhar aqui e quero que me conheçam, quero ser entrevistada. Mas não por qualquer um, não, quero ser entrevistada por alguém muito famoso!

As crianças adoraram da ideia e se disfarçaram em conhecidos personagens de programas de televisão, antes de fazer uma entrevista que, na opinião de todos, foi divertida, produtiva e inteligente. A atividade teve que ser repetida com outras turmas da creche e todo o ambiente relacional mudou para melhor...

Essa é uma ideia que você pode experimentar com todos os funcionários, e nós até sugerimos que você assuma o papel da primeira entrevistada. Claro que outras pessoas (pais, membros da comunidade, etc.) também podem ser entrevistadas no mesmo esquema.



Recebendo pessoas de nossa comunidade

Além das famílias das crianças e de funcionários de nossa instituição, também podemos entrar em contato com muitas pessoas da comunidade, que interessam às crianças ou até que encontramos por acaso. Vejamos dois exemplos concretos:

- **Entrevistando um radialista:** No pátio da mesma creche da cidade de Três Barras, da qual acabamos de falar, foi organizada uma entrevista com um radialista que tinha um programa policial de muito sucesso na cidade e que era escutado na creche. As crianças de várias turmas (com quatro a seis anos) fizeram muitas perguntas, muitas delas com uma profundidade que impressionou os adultos. O radialista chegou a ser questionado sobre a autenticidade de suas notícias, sobre aspectos técnicos, sobre a vida e a morte, etc.

- **A creche, o piano e o professor:** Em uma creche da cidade da Lapa (PR), havia um piano, que tinha sido doado por alguém e que ninguém usava. Um dia, apareceu lá um senhor e pediu permissão para usá-lo. A coordenadora da creche, muito esperta, disse que ele poderia usá-lo desde que, em troca, fizesse algum trabalho com as crianças. A ideia deu tão certo que esse senhor, depois de algumas experiências sem muito sucesso, passou um ano estudando Psicologia e Pedagogia e passou a trabalhar com as crianças de forma muito divertida e produtiva para todos.

Novamente podemos nos perguntar se esses exemplos não falam de atividades altamente benéficas para as crianças (e para os adultos...), que apenas enriquecem a experiência de cada uma, melhorando a qualidade do trabalho educativo.

Não seria uma boa ideia que, assim como fizeram as pessoas dos exemplos citados, cada lugar tentasse explorar as chances desse tipo que aparecem?



Organizando festas

Uma boa maneira de aumentar o envolvimento dos pais e de toda a comunidade com o nosso trabalho é procurando fazer com que eles participem das festas que podemos organizar em datas especiais (como Páscoa, Natal, etc.).

É bem possível que seu centro de educação organize, por exemplo, festas juninas, com fogueiras, cantigas e quadrilhas, gincanas, jogos com prendas, comidas e bebidas, músicas, casamento caipira, etc.

Para podermos explorar o potencial educativo de uma festa como essa, a ideia mais importante é a de procurar **envolver as crianças e pessoas da comunidade nas atividades de organização**, transformando a festa no momento culminante de um trabalho educativo muito interessante.

Mas em que tipo de atividades podemos envolver as crianças? Veja alguns exemplos:

- Fazer convites para a festa, a serem enviados para familiares, pessoas da comunidade.
- Ajudar a preparar bandeirinhas e outros elementos da decoração.



- Escrever cartazes de divulgação e de definição de diferentes espaços, no dia da festa.
- Ajudar a montar barraquinhas.
- Ajudar a bolar e fabricar prendas.
- Pesquisar a história da festa.

Todas essas atividades, e muitas outras, podem ser feitas pelas crianças já a partir dos quatro anos e, quanto mais velhas as crianças, mais autonomia elas poderão ter. Inclusive, podemos criar as condições para que as crianças mais velhas possam ajudar as mais novas.

Essas e outras atividades se tornam ainda mais interessantes se conseguimos **envolver membros da comunidade na preparação de uma festa**. Eles podem fazer coisas como explicar o porquê da festa, ensinar jogos e cantigas, trazer receitas de doces, ajudar nas fantasias, etc.



As crianças poderão inventar e fazer convites para convidar os pais, funcionários, outras pessoas da comunidade que colaboraram conosco e quem mais elas quiserem convidar.

Como se trata, no caso desses convites, de algo que deverá ser lido por outras pessoas, será preciso que o convite possa ser entendido por quem o recebe.

Assim, nos casos de crianças que escrevem só com garranchos ou bolinhas, ou daquelas produções infantis que são difíceis demais de entender, será preciso corrigir o texto.

Você pode fazê-lo, procurando agir com cuidado para não magoar ninguém e sem jamais riscar o que uma criança escreveu. Você pode, por exemplo, simplesmente acrescentar um bilhete, escrito a lápis, com o que precisa ser dito. Os adultos normalmente adoram ver as tentativas infantis de escrever para eles. Só na escola é que existe o hábito de reprimir essas tentativas e esse é certamente um grande erro...



Muitos lugares já utilizam as festas como ocasiões para encontrar as famílias, para arrecadar fundos, etc. A nossa sugestão é apenas que elas sejam planejadas e organizadas junto com as crianças e, na medida do possível, com o envolvimento e a participação de pessoas da comunidade.



O livro e o artigo de Madalena Freire, citados nas referências bibliográficas, falam sobre a aplicação de ideias muito parecidas com as que estamos vendo aqui, nessas duas discussões, e sua leitura pode ser muito útil. Também podem ser consultados os artigos de Regina de Assis e o livro de Léa Tiriba, que estão entre os textos que ajudaram a repensar as relações entre a escola de Educação Infantil e a comunidade, dentro do processo educativo, no começo dos anos 1990.



Resumindo

Assim, os passeios e as visitas e, de maneira geral, os encontros com pessoas da comunidade podem se tornar uma fonte constante de novas motivações para as atividades infantis. Cada vez que você conseguir organizar uma visita, um passeio ou uma festa em que acontece o envolvimento das crianças, estará proporcionando a elas uma experiência da qual elas não mais se esquecerão, e que poderá motivá-las a brincar, a desenhar, a escrever, a pesquisar, etc.

